

CAMINHOS DE SÃO JOÃO D'ARGA



CAMINHOS DE SÃO JOÃO D'ARGA



NORTE2020
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL NORTE

PORTUGAL
2020

 **União Europeia**
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional



São João d'Arga

A ROMARIA DE SÃO JOÃO D'ARGA

A Romaria de São João d'Arga é a festa pública mais exuberante e espontânea da Serra d'Arga. O seu caráter peculiar é-lhe conferido pela importância dada aos aspetos associados às práticas e às crenças religiosas, mas sobretudo aos aspetos lúdicos, nomeadamente a gastronomia, os trajes, as danças e os cantares dos romeiros.

A romaria é um acontecimento religioso e festivo sem paralelo, não só para a gentes da serra, mas também para muitos dos que habitam os vales do Neiva, do Lima e do Minho, havendo romarias provenientes de muitos lugares dos concelhos de Caminha, Viana do Castelo, Ponte de Lima e Vila Nova de Cerveira. Tem lugar a 28 e 29 de agosto, marca a morte do santo por degolação, sendo antecedida, a 24 de junho, pela festa do São João das Cerejas, que marca o dia do seu nascimento. O nascimento e a morte de São João são também assinalados, de uma forma muito própria, durante as procissões que se celebram quer na festa quer na romaria. Na procissão da festa, a imagem no andor do santo representa-o em criança. Na da romaria, o santo aparece representado em idade adulta.

Antes da abertura, na década de 40 do século passado, da estrada florestal que, desde então, em muito facilita o acesso ao mosteiro e à romaria, todos lá chegavam a pé. Eram milhares de romeiros, muitas vezes agrupados em “rusgas” ou “ranchos”, percorrendo, ao longo de várias horas, os inúmeros caminhos e carreiros que, ainda hoje, retalam a serra. Os quatro “Caminhos de São João d'Arga”, seguem e acompanham os traçados originais dos caminhos que partiam das Argas (de Cima e de Baixo), de Caminha e de Vila Praia de Âncora.



São João das Cerejas

Os romeiros oriundos das freguesias de Viana do Castelo saíam ainda na noite do dia 27, tendo de atravessar — como então diziam — “sete serras” até alcançarem o mosteiro. Os de Riba de Âncora passavam por Soutelo, de seguida por Orbacém e Dem e, à medida que cruzavam cada um daqueles lugares, juntavam-se-lhes cada vez mais pessoas. Os provenientes de Caminha, Vilarelho e Argela, aos quais se juntavam os de Venade, subiam até à Senhora das Neves, a caminho de Dem e, daí, até ao mosteiro.

Os homens iam vestidos com roupas à lavrador ou, então, com fatos de domingo ou do casamento, escuros ou pretos, com as calças arregaçadas até ao mosteiro para que não se prendessem nos matos. As mulheres iam vestidas com roupas à lavradeira, com saias de lã, ou, então, com fatos de festa que só vestiam à chegada ao mosteiro, por receio de que se estragassem pelo caminho. Muitos, sobretudo as mulheres, iam descalços, outros calçavam socas e tamancos de madeira. As meias, os sapatos e as chinelas eram levados nas mãos, para que não se rompessem ou estragassem antes da romaria. Só quando chegavam perto do mosteiro é que as meias eram vestidas e os sapatos e as chinelas calçados.

Pelo caminho, os romeiros tocavam as concertinas, os tambores, as pandeiretas, os ferrinhos e as castanholas em alegria e faziam

Sarapatel



Arroz doce



Fumeiro



Cabrito da Serra d'Arga

brincadeiras, rezavam e pregavam partidas entre si, fazendo breves paragens para descansar e comer alguma coisa. Com eles seguiam, por vezes, alguns amortalhados, com as vestes brancas, cumprindo promessas e rezando. Na Chã do Guindeiro, também em cumprimento de promessas, outros havia que, mal daí avistassem o mosteiro, se ajoelhassem e assim fizessem o resto do íngreme e pedregoso percurso até ao templo. Alguns seguiam, ainda, em silêncio, levando um cravo ou um raminho de oliveira apertado entre os dentes para que ninguém lhes falasse.

Junto ao Penedo do Casamento de Santo Aginha, e também ao de Arga de Baixo, as jovens casamenteiras, de costas para os penedos, atiravam uma pedra. Quando esta ficava em cima do rochedo, significava que casariam ainda nesse ano.

O merendeiro que os romeiros provenientes de Dem levavam para a romaria incluía um galo, ou uma galinha, cozidos inteiros num pote a lenha juntamente com o chouriço e o presunto. Este cozido era posteriormente colocado numa panela, envolvida por uma toalha de linho bordada, feita especialmente para o efeito — a “toalha de romaria” —, e transportada dentro de um cesto grande — o “cesto da feira” —, que era levado à cabeça. Os romeiros provenientes das Argas levavam, por sua vez, pernas de cabrito ou de carneiro assadas.



Romeiros a dançar o vira



Tocador de concertina



Procissão vespertina

Os doces consistiam em rabanadas de leite ou de vinho tinto, feitas com pão duro cortado às fatias. As primeiras eram demolhadas em leite de vaca fervido com casca de limão e, de seguida, envolvidas em ovo batido. As segundas eram somente demolhadas em vinho frio, adoçado com açúcar. Depois de fritas em óleo ou azeite, ambas eram polvilhadas com canela e açúcar.

O vinho era transportado dentro de barris, em carros puxados por vacas que seguiam pelo Caminho da Ladeira até ao mosteiro. Era comprado pelos romeiros e bebido em “infusas” — canecas de barro preto e vermelho de diferentes dimensões (meio litro, um litro ou dois litros) —, carregadas em cestos que ajudavam a transportar e que depois se devolviam.

Chegados ao mosteiro, os romeiros davam três voltas à capela fazendo as suas rezas. Uma vez dentro da capela, davam uma esmola ao santo e outra ao diabo. De promessa ao São João, advogado de todos os males, incluindo dos cravos nas mãos, os romeiros levavam sal, telhas, cravos vermelhos, frangos ou galinhas pretas, cebolas e ovos. As ofertas eram contabilizadas pelos mordomos e o sal e as telhas, produtos difíceis de adquirir pelas gentes da serra pela dificuldade de transporte,

seriam, posteriormente, leiloados no adro da igreja da freguesia. O sal, muito disputado pelas gentes da serra, destinava-se à conservação dos alimentos, sobretudo do porco após a matança, garantia de alimentação. As telhas, por sua vez, destinavam-se à preservação do abrigo e à manutenção da casa.

Na tarde do dia 28 de agosto, celebrava-se o sermão, ao qual se seguia, pelas 17 horas, a procissão de ida e volta até ao cruzeiro situado a sul do mosteiro, seguida pelos fiéis e pela banda de música.

Seguia-se-lhe a refeição, que se fazia no chão, no meio do monte, em cima de uma toalha, e os primeiros a chegar escolhiam os melhores lugares.

Pelas 18 horas, iniciava-se o arraial, que durava toda a noite e que nos tempos mais antigos era iluminado por archotes, velas e candeeiros de azeite. Era interrompido apenas à meia-noite, para que se assistisse ao fogo de artifício. Os romeiros que tivessem possibilidade, alugavam um quartel para guardar os cestos e pernoitar. Os que não a tivessem, ficavam acordados a noite inteira a cantar e a dançar, a tocar concertina, a jogar os jogos do pau e do galo, a comer e a beber.

Debaixo dos quartéis vendia-se, inicialmente, apenas vinho e café feito em chocolateiras sobre uma pedra. Só mais tarde passou a vender-se de tudo um pouco: cabrito, carneiro, sarapatel, pão com feitiços diversos, sandes e bagaço com mel. Uma das primeiras vendedoras de comida foi a Rosa do Meijão, afamada pelo seu cabrito que preparava de sete maneiras diferentes, seguindo e respeitando os segredos mais antigos da serra.

A música, que de início provinha unicamente das concertinas, passou, mais tarde, a ser transmitida por altifalantes e havia o hábito de se pedirem e se dedicarem músicas, os chamados “discos pedidos”. Os altifalantes anunciavam também a chegada dos grupos de romeiros ao recinto do mosteiro. Tradicionalmente, sempre houve duas bandas de música ao despique durante toda a noite, sendo o Manuel dos Pedreiros e o Nelson de Vilarinho dois dos mais antigos e afamados tocadores de concertina.

As quadras que se cantavam eram de todos os géneros: de amor, de morte, de despedida, de escárnio e de maldizer; todo o sentimento de um povo. Eis um exemplo de uma quadra de despedida:

Ele:

Adeus, meu amor, adeus

Adeus, te quero dizer.

Reza pela minha alma

Se acaso eu morrer.

Ela:

Adeus, meu amor, adeus

Adeus, que me custa a vida.

Custa-me mais que a morte

Esta nossa despedida.

No dia seguinte, os romeiros lavavam-se no ribeiro e na fonte de São João, localizados nas proximidades, e comiam o que restasse ainda dos merendeiros. A partir das 6 horas da manhã havia sermões, encomendados pelos crentes, e confissões. Após a missa das 11 horas, que integrava a procissão que, encurtada, dava apenas a volta ao cruzeiro em frente ao mosteiro e a apresentação dos novos mordomos que, seguidos pela banda, davam voltas à capela, começavam a partir alguns grupos de romeiros, que desciam para São Lourenço da Montaria, em Viana do Castelo, para a festa de Santa Bárbara. Outros, juntavam-se ainda na Chã das Eiras, em Santo Aginha, dançavam dois ou três viras de separação e cantavam quadras do adeus, de despedida e de saudade.



Traje da Serra d'Arga



Arraial da romaria



Mosteiro de São João d'Arga



Enquadramento paisagístico do Mosteiro de São João d'Arga

MOSTEIRO DE SÃO JOÃO D'ARGA

Classificado como Monumento Nacional desde 2013, o Mosteiro de São João d'Arga é um antigo complexo religioso beneditino, transformado num santuário de montanha em recinto fechado. Localiza-se num local de grande beleza, na encosta orientada a norte da Serra d'Arga, a aproximadamente 440 metros de altitude e implantado sobre um pequeno promontório rochoso que se eleva na margem direita do Ribeiro de São João, a partir do qual se abarca um alargado panorama orientado aos vales dos rios Coura e Minho.

A capela de São João, que o integra, rodeada por monumentais e também seculares sobreiros e carvalho-alvarinho, é um dos mais importantes testemunhos medievais da região, não obstante a sua reduzida dimensão e simplicidade. Desde muito cedo foi sede de uma romaria dedicada a São João Baptista, que ainda hoje se realiza nos dias 28 e 29 de agosto de cada ano, momento devocional único que se junta às numerosas romarias locais que têm como destino a serra. Desconhece-se a partir de que altura teve início esta concorrida romaria, assim como desconhecida é também a origem da capela.

Diz-se, tradicionalmente, que a fundação do primitivo mosteiro teria ocorrido no ano de 623, por São Frutuoso, em virtude de essa ser a data inscrita numa epígrafe de existência duvidosa e da qual se perdeu o rasto. Pensa-se, também, que essa data poderia ser fruto de uma leitura incorreta da epígrafe, sendo 1123 a data legítima a encontrar-se nela inscrita, o que estaria mais de acordo com uma época em que o mosteiro já existia.

Se, por um lado, é possível sugerir que o mosteiro existia já na primeira metade do século XII, por outro, a atual capela dificilmente corresponderá a essa época. À semelhança do vizinho templo de São Pedro de Varais, também a obra de São João d'Arga pertence ao românico tardio, incaracterístico em termos estilísticos, planimetricamente simples e decorativamente despojado.

O que se conserva da fábrica românica aponta para uma cronologia próxima ou de finais do século XIII, uma época em que foi comum a edificação de pequenas igrejas rurais, de nave única relativamente curta e capela-mor quadrangular, de panos murários muito robustos e



Capela de São João



Galeria alpendrada dos quartéis



Albergue de peregrinos



Albergue de peregrinos, carvalho-alvarinho e sobreiros monumentais

escassamente fenestrados e cachorrada de modilhões sem decoração. O único portal original conservado, com o seu duplo arco já quebrado, assente em impostas lisas e de tímpano desprovido de elementos artísticos, confirma esta convicção.

Ao longo dos séculos, a capela passou por algumas reformas, sendo de 1333 uma enigmática inscrição colocada na capela-mor, provavelmente alusiva a uma campanha de obras, porventura a que lhe conferiu grande parte da sua configuração atual. De maior impacto foi a campanha de finais do século XVIII ou já de inícios da centúria seguinte. Nessa altura, pela ameaça de ruína da parte ocidental da capela ou pela vontade de atualizar e monumentalizar a fachada principal, reconstruiu-se essa parte do templo e prolongou-se a nave. O frontispício passou, assim, a incluir um portal de arco reto ladeado e sobrepujado por óculos, conferindo maior luminosidade ao interior, e uma empena triangular irregular, acompanhada de volutas, pináculos nos ângulos e uma cruz axial.

Em redor da capela construiu-se ainda, provavelmente na mesma época, um albergue para acolher os numerosos romeiros que ali se deslocavam e pernoitavam durante as ocasiões festivas em honra de São João. É neste edifício de dois andares constituído por dois corpos de planta em "L" que se localizam os quartéis, uma sucessão de quartos organizados linearmente, sob uma cobertura comum e com uma galeria alpendrada a proteger as entradas.

LIMITES ADMINISTRATIVOS

-  Limite Administrativo de Caminha
-  Limite Administrativo de Freguesia
-  Limite Administrativo de Concelho

CAMINHOS DE SÃO JOÃO D'ARGA

-  C1 – Caminho d'Arga de Baixo; C2 – Caminho d'Arga de Cima;
-  C3 – Caminho do Vale do Coura; C4 – Caminho do Vale do Âncora
-  Início de Caminho
-  Fim de Caminho



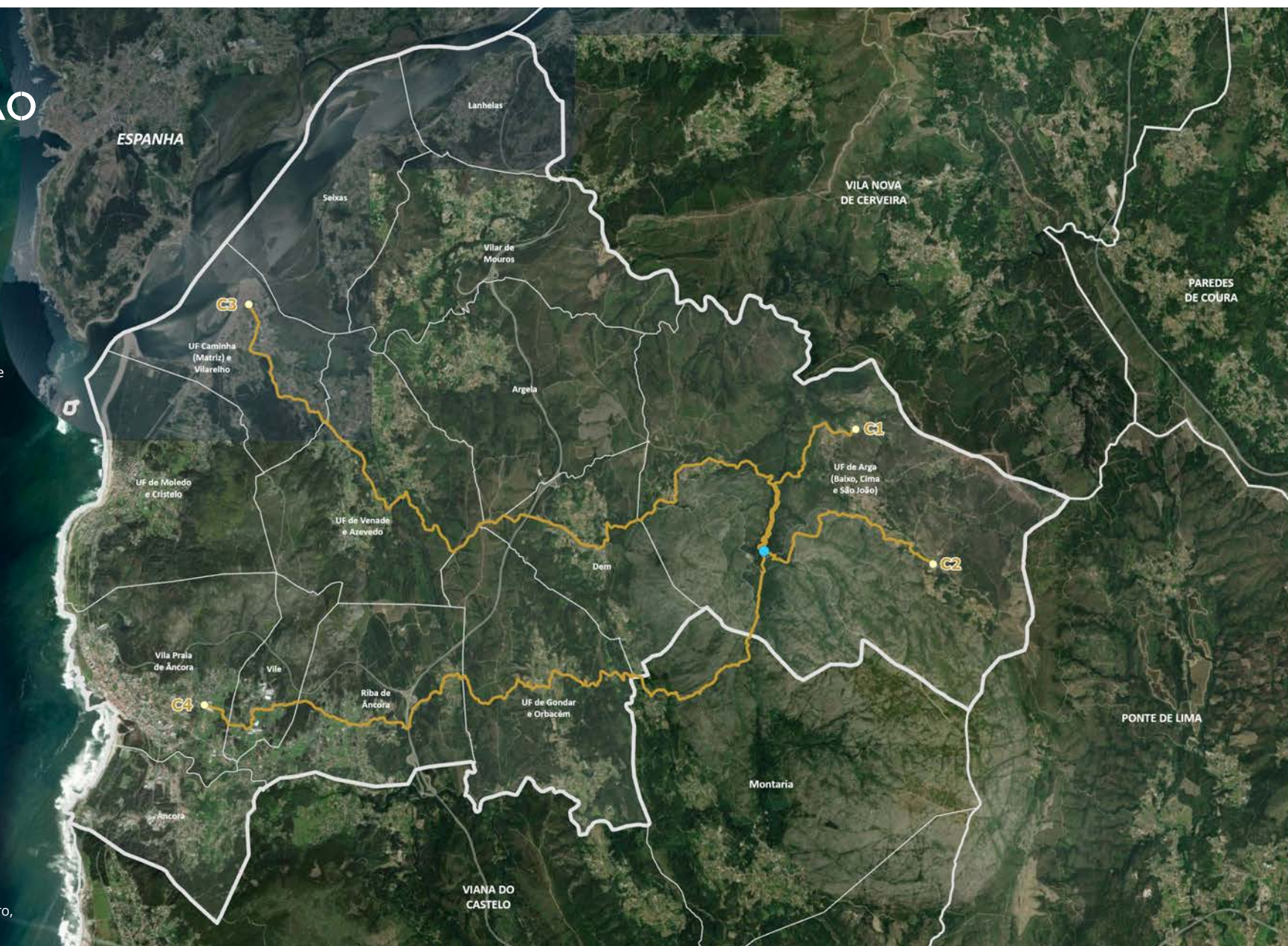
CAMINHOS DE SÃO JOÃO D'ARGA

Normas de conduta e de segurança

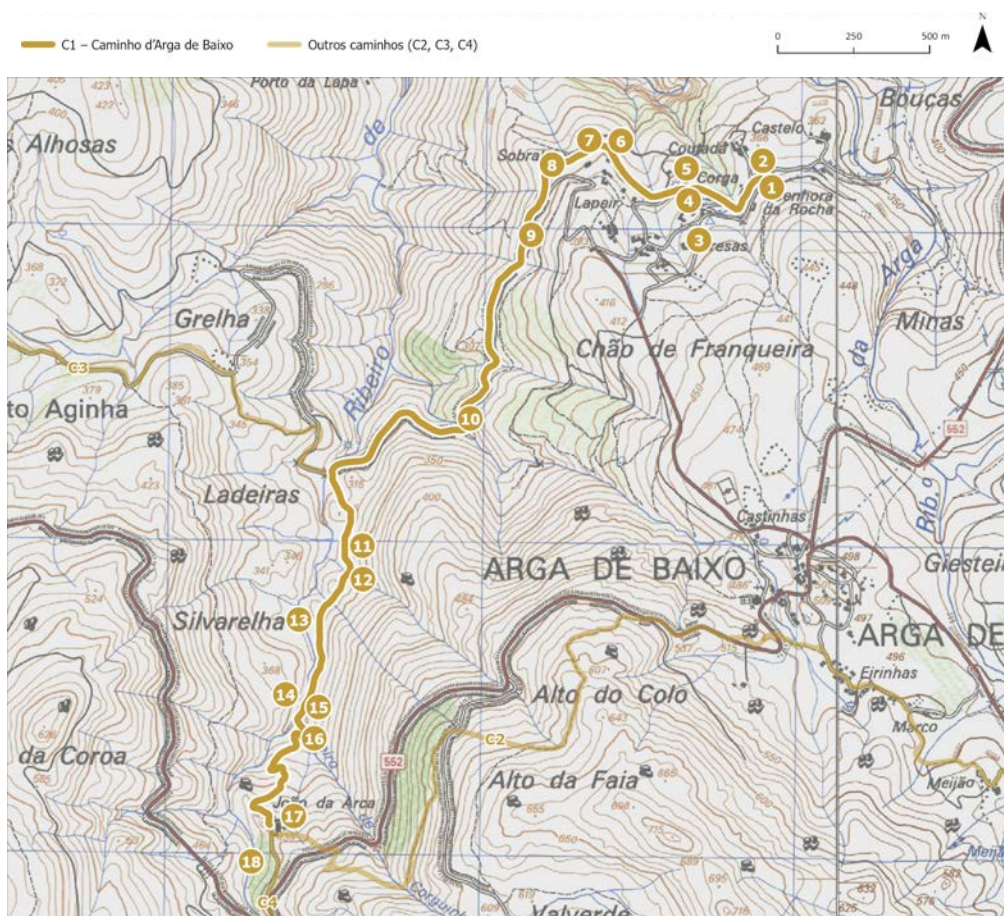
- Respeite a sinalização existente e não saia do percurso sinalizado;
- Evite ruídos e atitudes que perturbem o local;
- Não danifique a flora, nem perturbe a fauna;
- Não recolha plantas, animais ou rochas;
- Respeite os usos, os costumes e as tradições da população local;
- Não abandone lixo;
- Não faça lume;
- Evite andar sozinho;
- Utilize vestuário e calçado adequados às condições climáticas;
- Verifique a duração do percurso e assegure que o finaliza antes do anoitecer;
- Em caso de acidente, utilize os números dos pontos de interesse no mapa para indicar a sua localização;
- Não corra riscos.

Época aconselhada

O caminho pode ser percorrido durante todo o ano. Devem, no entanto, ser acauteladas algumas precauções quando se verificarem altas ou baixas temperaturas. Deve, ainda, ser evitado em dias de nevoeiro, de chuvas ou de ventos fortes.



CAMINHO D'ARGA DE BAIXO

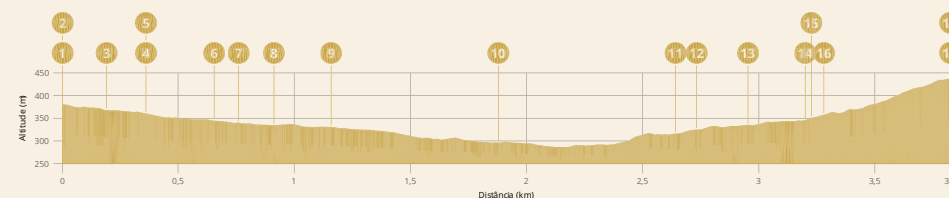


Pontos de interesse

1. Capela de Nossa Senhora da Rocha
2. Vista para o vale do Ribeiro da Arga
3. Casa do Fuchaquinho
4. Alminhas da Corga
5. Moinho do Sardão
6. Vista panorâmica sobre o vale do Ribeiro da Arga
7. Núcleo Rural de Sobral
8. Vista panorâmica sobre o vale do Ribeiro de São João
9. Vale do Ribeiro de São João
10. Sobreiro monumental/Abrigo de fauna
11. Famanco-dos-brejos
12. **Feto-macho-do-minho**
13. Cruzeiro da Ladeira (ou dos Clamores)
14. Marmitas de gigante em *knickpoint*
15. Fauna de ribeiro de montanha
16. **Megabloco granítico com esfoliação**
17. Mosteiro de São João d'Arga
18. Cruzeiro de São João d'Arga (Mosteiro)

Início
Capela de Nossa Senhora da Rocha
41°51'25.416"N 8°42'49.05"W

Fim
Mosteiro de São João d'Arga
41°50'18.272"N 8°43'57.5"W



Perfil altimétrico do caminho





Vista para as encostas e cumeadas do vale do rio Coura



Bloco isolado com esfoliação bem evidenciada

DESCRIÇÃO DO CAMINHO

Com início no largo fronteiro à Capela de Nossa Senhora da Rocha, o Caminho d'Arga de Baixo desenvolve-se, numa primeira parte, ao longo da margem esquerda do Ribeiro de Arga, até à sua confluência com o Ribeiro de São João. É o troço do caminho onde a atividade humana está mais presente, atravessando diversos núcleos rurais de pequena dimensão em torno dos quais, e em particular nas íngremes encostas do vale do ribeiro, se observam alguns dos maiores, e mais belos, conjuntos de socalcos existentes na Serra d'Arga. Entre essas encostas, escondidas por uma frondosa mancha de vegetação arbóreo-arbustiva, despenham-se as fulgurantes Quedas de Água das Penas, cujo troar é, com frequência, audível. Bem visíveis ao longo do caminho são o Cabeço do Meio Dia, ou Alto do Crasto, e as serranias que definem os vales do Coura e do Minho, bem como as que se erguem defronte do Atlântico, já em território Galego.

Após a passagem pelo lugar de Sobral, assente sobre a linha de cumeada que separa as águas dos ribeiros de Arga e de São João, a

paisagem altera-se de forma significativa, fechando-se sobre o majestoso vale do Ribeiro de São João. Descendo ao longo da margem direita do ribeiro, observam-se, na encosta oposta, os imponentes e pitorescos cumes da Pedra Alçada, do Alto da Coroa e do Alto das Penas; pedregosos, agrestes e quase desprovidos de vegetação. A presença humana desvanece-se a cada passo, atingindo-se o ponto mais baixo do caminho muito perto das águas do ribeiro e do Poço Grande da Ladeira onde, reza a lenda, vinham, por vezes, nadar as feiticeiras. A partir da Ponte da Ladeira, o caminho segue encosta acima, até alcançar as vetustas paredes do Mosteiro de São João d'Arga, junto das quais se observa um memorável panorama sobre o vale e os territórios que para além dele se estendem, em direção ao vale do Minho e à Galiza.

O Ribeiro de São João nasce numa das portelas da Serra d'Arga, onde se dividem as linhas de água que drenam para a bacia do rio Âncora e para a bacia do rio Coura. É um dos principais afluentes do Coura,



Capela de Nossa Senhora da Rocha

com ele confluindo a jusante da Ponte de São João, no limite ocidental da freguesia de Covas, em Vila Nova de Cerveira. Devido aos incêndios que, com frequência, assolam o vale, a vegetação ribeirinha apresenta-se muito alterada, verificando-se a substituição da vegetação nativa arbórea por espécies invasoras do género *Acacia*. As comunidades faunísticas e florísticas presentes no leito do ribeiro apresentam-se, no entanto, bem conservadas.

O ribeiro possui um caudal bastante intenso no inverno, o que permite a formação de estruturas de origem hidrogeomorfológica. Destacam-se os grandes blocos de granito que pontuam o troço final do caminho, que servem de refúgio a diversas espécies de fetos e musgos.

Quanto ao património, destacam-se a capela oitocentista de Nossa Senhora da Rocha, as alminhas da Corga e o Cruzeiro da Ladeira, erigido no início do século XVIII. Noutros tempos, no Dia de São João Evangelis-



Turfeira pioneira com esfagno e famanco-dos-brejos (*Linkagrostis juressi*)

ta (6 de maio), vinham diversos peregrinos pertencentes à Irmandade de Santo Isidoro com cruzeiros de prata e bandeiras, levando o santo em procissão até ao cruzeiro, rogando o fim da seca, de epidemias que matavam o gado ou de outros males que os afligiam, clamando bem alto pela intervenção divina. Por esse motivo, este cruzeiro é também denominado Cruzeiro dos Clamores.

Construída em 1747, a Casa do Fuchaquinho foi, em tempos, uma das mais proeminentes casas de lavoura de Arga de Baixo. Apesar do seu estado atual de abandono, ainda é possível observar, no recinto, um conjunto de construções com paramentos em xisto e cunhais, ombreiras e padieiras em granito. No interior encontram-se, ainda, dois fornos de granito, bem como dois espigueiros, um dos quais ainda em bom estado de conservação.

O caminho proporciona, ainda, a passagem por Sobral, um núcleo rural de interesse patrimonial constituído por um conjunto de edificações antigas em alvenaria de xisto e granito.

PONTOS EM DESTAQUE



Vista para o vale do Ribeiro de São João



Casa do Francisco. Sobral, Arga de Baixo



Feto-macho-do-minho (*Dryopteris carthusiana*)



Megabloco granítico com esfoliação

Vista panorâmica sobre o vale do Ribeiro de São João

A 333 metros de altitude, à saída do Núcleo Rural de Sobral, encontra-se um pequeno terreiro, adornado por um monumental azevinho e localizado já em pleno vale do Ribeiro de São João, cujas águas correm a cerca de 170 metros mais abaixo. Daí se obtém um panorama de quase todo o vale, desde o seu ponto mais alto, a sul, ao mais baixo, a norte.

A sul, na margem esquerda do ribeiro, o olhar prende-se nos elevados cumes pedregosos e despidos de vegetação da Pedra Alçada, o ponto mais alto de Caminha, culminando a 742 metros de altitude e, um pouco mais abaixo, nos altos da Coroa e das Penas. No lado oposto do vale, na mesma linha do cónico Alto da Coroa e empoeirado no topo de um pequeno promontório formado pelos ribeiros de São João e da Corguinha encontra-se o vetusto Mosteiro de São João d'Arga que, por muito pouco, não se consegue ainda avistar.

Rodeado por extensos pinhais, mais abaixo

na encosta, avistam-se o Núcleo Rural de Santo Aginha, os seus campos agrícolas dispostos em socacos e frondosos bosquetes de autóctones. Mais a norte, até onde a vista alcança, as encostas e cumeadas do Penedo das Casinhas, da Serra de Góis e das serranias galegas denunciam os vales dos rios Coura e Minho.

Núcleo Rural de Sobral

No Núcleo Rural de Sobral, em Arga de Baixo, localiza-se a Casa do Francisco, construção rústica em xisto e granito, uma das mais características construções da Serra d'Arga.

A casa possui planta retangular, dois pisos, cobertura, de duas águas, em telha e vãos retangulares, cujas ombreiras e padieiras são formadas por lintéis de granito. O acesso ao piso superior é feito por uma escada exterior, composta por sete degraus em blocos de granito com diferentes alturas, para um alpendre telha-

do suportado por pilares de granito de secção quadrangular irregular.

Feto-macho-do-minho

O feto-macho-do-minho (*Dryopteris carthusiana*) encontra-se muito ameaçado pelas modificações ambientais que ocorreram nas últimas décadas, designadamente as alterações dos regimes de precipitação e os processos de invasão biológica, que levaram à substituição da vegetação típica de zonas ribeirinhas por espécies invasoras do género *Acacia*, tais como a acácia-mimosa (*Acacia dealbata*) e a acácia-austrália (*Acacia melanoxylon*).

Este feto apresenta uma distribuição alargada no norte da Europa, mas em Portugal ocorre apenas na zona mais a norte do Alto Minho, tendo aí sido descoberto recentemente. Possui dois núcleos nesta zona: em Caminha, no Ribeiro de São João e no rio Âncora, e em Covas (Vila Nova de Cerveira), na Ribeira das Mós. Por ser tão raro e

com populações tão pequenas foi avaliado como em "Perigo Crítico", a categoria de maior ameaça na Lista Vermelha da Flora Vascular de Portugal Continental.

Megabloco granítico com esfoliação

Em substratos graníticos da Serra d'Arga proliferam os blocos isolados com diferentes dimensões e graus de arredondamento. Ao longo deste caminho, o megabloco que mais se evidencia revela fendas de esfoliação em grande parte da sua superfície. Estas fendas resultam de processos de descompressão litostática, derivados do progressivo afloramento destes blocos à superfície, devido à erosão de material geológico sobrejacente (rochas e/ou camadas de solos).

CAMINHO D'ARGA DE CIMA

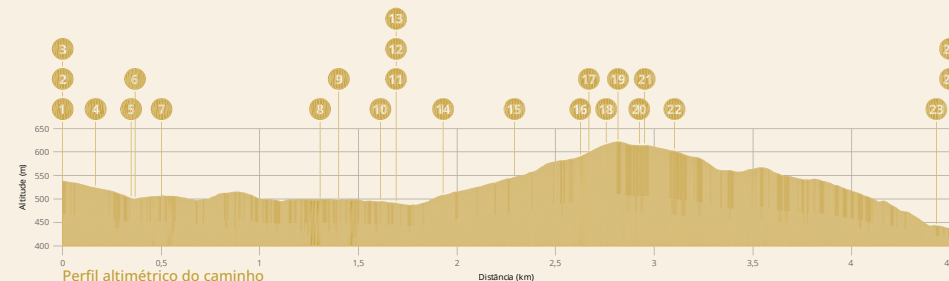


Pontos de interesse

1. Capela de Santo Antão e Antigo Calvário
2. Igreja Paroquial de Arga de Cima
3. Vista panorâmica para a encosta da Serra d'Arga e a Gândara
4. **Pontão do Lobo**
5. Moinhos da Gândara
6. Paisagem de produção da Gândara
7. Núcleo Rural da Gândara
8. Lugar do Marco
9. Veiga da Arga
10. Lugar da Eirinha
11. Fonte Salgueira
12. Casa da Pontelhinha
13. Igreja Paroquial de Arga de Baixo
14. Centro de Interpretação da Serra d'Arga (CISA)
15. Vista panorâmica sobre Arga de Baixo
16. Vista panorâmica sobre os vales dos ribeiros de São João e da Arga
17. **Tafoni, blocos pedunculados e ondulação lateral**
18. **Cumeada do Alto do Colo**
19. Charnecas (habitat 4030) e cardo-do-minho (*Carduus arvensis*)
20. **Fauna de zonas rochosas**
21. Vista panorâmica sobre o vale do Ribeiro de São João
22. Encosta do Alto da Faia
23. Abrigos de morcegos
24. Mosteiro de São João d'Arga
25. Cruzeiro de São João d'Arga (Mosteiro)

Início
Capela de Santo Antão
41°50'11.044"N 8°41'52.498"W

Fim
Mosteiro de São João d'Arga
41°50'18.272"N 8°43'57.5"W





Cabeço do Meio Dia

DESCRIÇÃO DO CAMINHO

Com início junto à Capela de Santo Antão, o Caminho d'Arga de Cima desenvolve-se, numa primeira parte, ao longo do território que se aninha no sopé da vertente nascente da mole granítica da Serra d'Arga. Por aí correm as águas do Ribeiro da Arga e seus afluentes, em cujas margens se espraia uma fértil veiga e sobre a qual se desenha um intrincado padrão geométrico, composto por uma miríade de campos de cultivo, por vezes armados em pitorescos conjuntos de socalcos. Acompanham-nos outros tantos prados, orlados por frondosos e frescos bosquetes e galerias ripícolas. Compondo este bonito, e muito bucólico, mosaico de paisagem rural, encontram-se vários núcleos rurais de pequena dimensão.

Após a passagem pelo lugar da Eirinha e pelo seu Penedo do Casamento, o caminho principia em abandonar este território mais humanizado, de maior fertilidade e de topografia mais plana, para não muito depois entrar num outro de uma natureza substancialmente diferente; mais rude e agreste, mais despidido de vegetação arbórea, mais exposto



Cardo-do-minho (*Carduus asturicus*), espécie endémica

aos elementos, de topografia mais exigente para o caminhante, mais serrano. Umas três centenas de metros acima do Centro de Interpretação da Serra d'Arga (CISA), o caminho segue pelo antigo Caminho do Potão, vencendo a encosta até ao ponto mais alto do percurso que se alcança numa cumeada do Alto do Colo.

Ao longo da subida, são muitos os pontos que convidam a parar, para retemperar forças e admirar os vastíssimos panoramas que a partir dela se alcançam. De nascente a poente, é possível observar os picos mais distantes do Parque Nacional da Peneda-Gerês, o vale do rio Minho e as serranias que o definem, o Cabeço do Meio Dia e os territórios mais próximos das Argas de Cima, de Baixo e de São João, a foz do Minho guardada pelo icónico Monte de Santa Tecla, não raras vezes envolto numa diáfana pluma de nevoeiro.

Transposto o ponto mais alto do caminho, tem início a descida ao longo das encostas viradas à luz poente do vale do Ribeiro de São João que, quase



Bloco pedunculado em aglomerado rochoso marcado por gnamas



Moinhos da Gândara. Arga de Cima

duzentos metros mais abaixo, terminará junto ao conjunto monumental do Mosteiro de São João d'Arga.

Nesta zona do percurso, o caminho atravessa uma zona de matos pontuada por afloramentos rochosos; a paisagem típica dos topos da Serra d'Arga. Estes afloramentos são caracterizados pela presença de megabloco, onde a erosão diferenciada criou estranhas geomorfologias, em que pequenos blocos parecem pendurados em cima de blocos maiores. Estes blocos constituem-se como um habitat favorável para os répteis, que os utilizam como refúgio, e como pontos de observação para aves típicas destas zonas abertas, entre as quais o raro melro-azul.

Os matos, apesar de serem um tipo de habitat muito comum em Portugal, encontram-se em regressão em algumas zonas litorais do Alto Minho devido à invasão por acácias, nomeadamente a acácia-de-espigas (*Acacia longifolia*) e a acácia-austrália (*Acacia melanoxylon*). A espécie dominante destes matos é o tojo-arnal (*Ulex europaeus subsp. latebracteatus*) que, malgrado o seu aspeto espinhoso, serve de alimento a muitos animais, nomea-

damente aos garranos. Os rebentos do tojo-molar (*Ulex minor*), por sua vez, servem de alimento às vacas.

Quanto ao património, destacam-se as igrejas paroquiais de Arga de Cima e de Arga de Baixo e a Capela de Santo Antão, santo popular canonizado pelo povo. Em Arga de Baixo, a Casa da Eirinha e a Casa da Pontelhinha apresentam todos os elementos mais característicos das tradicionais casas de lavoura serranas: a casa, o terreiro e as cortes dos animais, o espigueiro e a eira, os típicos muros de vedação e as leiras férteis rasgadas pelos inúmeros ribeiros que as atravessam.

O caminho proporciona, ainda, a passagem pela Gândara, núcleo rural de interesse patrimonial constituído por um conjunto de edificações antigas em alvenaria de xisto e granito e pela Casa do Marco, residência do artista Mário Rocha que, todos os verões, se transforma numa galeria de arte contemporânea onde decorre a "Arte na Leira", iniciativa cultural promovida desde 1998 pelo proprietário.

PONTOS EM DESTAQUE



Pontão do Lobo. Arga de Cima



Tafoni, blocos pedunculados e ondulação lateral



Vista para os vales do Ribeiro de São João e do rio Minho



Melro-azul (*Monticola solitarius*)

Pontão do Lobo

Construído em meados do século XVII para a travessia a pé do Regato da Fraga, em Arga de Cima, o Pontão do Lobo é um pequeno arco composto por lajes de granito dispostas verticalmente, de tal forma que se assemelha à espinha dorsal de um lobo. Danificado há cerca de seis anos por uma cheia, o pontão foi recuperado em 2021, tendo adquirido, na medida do possível, a sua forma original.

Esta pequena estrutura permitiu, durante muitos anos, o atravessamento pedonal da linha de água pelos padres provenientes de São Lourenço da Montaria, em Viana do Castelo, para celebrar missa nas Argas.

Nas margens do regato, a algumas centenas de metros a montante do pontão, cresce uma das plantas mais raras da flora portuguesa: a chupa-deira-do-minho (*Scrophularia bourgaeana*). Endêmica da Península Ibérica, a única ocorrência conhecida desta planta em Portugal era o Vale do Ramiscal, na Serra do Soajo, tendo, em abril de

2017, sido descoberta uma pequena população na Serra d'Arga.

Tafoni, blocos pedunculados e ondulação lateral

Sensivelmente a meio do caminho destaca-se um proeminente bloco pedunculado, rodeado por outras microformas graníticas, que apresenta uma curiosa ondulação lateral. Trata-se de uma tipologia morfológica muito rara em maciços graníticos, a qual é explicável à luz do conceito de erosão diferencial.

Neste caso em concreto, resulta de um processo de erosão diferencial motivado pelo desenvolvimento de anisotropias mecânicas originadas nos processos de solidificação magmática.

Cumeada do Alto do Colo

A curta distância da linha de cumeada que desce do Alto do Colo e que, a uma altitude de 621

metros, marca o ponto mais alto do caminho, o panorama centra-se num grande arco de nascente a poente.

A poente avistam-se os galegos Monte de Santa Tecla, A Guarda, O Rosal, as serras viradas ao Atlântico, o vale do rio Tamuxe o Carballo e as águas do rio Minho. Num plano mais próximo, observam-se as encostas viradas a nascente do vale do Ribeiro de São João bem como as do vale do rio Coura, viradas a sul, das quais se destacam as da Serra de Gois e as do Alto da Pena. À esquerda deste último avistam-se os picos escarpados da galega Serra do Galiñeiro e, à direita, as cidades irmãs de Tui e Valença, em pleno vale do Minho.

Por fim, para nascente, o também sempre presente Cabeço do Meio dia, assomando-se sobre a Arga de Baixo desde o alto dos seus 550 metros, o Alto da Revolta e as suas encostas cobertas por extensas manchas de pinhal e, já sobre a linha do horizonte, os picos mais elevados do Parque Nacional da Peneda-Gerês.

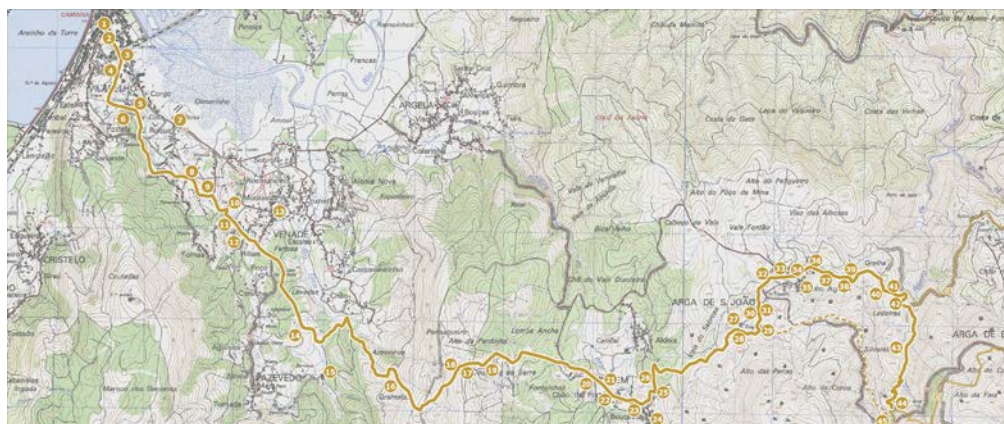
Fauna de zonas rochosas

Os afloramentos rochosos, frequentemente rodeados por matos e áreas de vegetação esparsa, são um dos ambientes mais abundantes da Serra d'Arga. Embora sejam locais relativamente pobres, são explorados por algumas espécies particulares da fauna.

Entre as aves, as mais comuns são os cartaxos-comuns (*Saxicola rubicola*), frequentemente pousados em locais bem visíveis, no topo das rochas ou empoleirados no topo de um arbusto. Outras aves que também podem ser observadas nestas áreas rochosas são as cotovias-pequenas (*Lullula arborea*), as lavercas (*Alauda arvensis*) ou, ocasionalmente, pequenos grupos de gralhas-pretas (*Corvus corone*). Estes afloramentos rochosos são também um dos locais onde, esporadicamente, se pode observar uma ave muito mais rara nesta região: o melro-azul (*Monticola solitarius*). Sobretudo durante a primavera, os machos desta espécie adquirem uma intensa coloração azul que os torna inconfundíveis (fora da época de reprodução, os tons azulados são claramente mais esbatidos).

CAMINHO DO VALE DO COURA

— C3 – Caminho do Vale do Coura — Troço do caminho original — Outros caminhos (C1, C2, C4)



Pontos de interesse

1. Chafariz do Terreiro de Caminha
2. Casa dos Pitás
3. Cruzeiro da Rocha
4. Igreja Paroquial de Vilarelho
5. Vista para Caminha, o vale e o estuário do rio Coura
6. Estação Arqueológica do Alto do Coto da Pena
7. Capela de São Roque
8. **Vista para o vale e o estuário do rio Coura**
9. Capela de São Sebastião
10. Capela de Nossa Senhora do Caminho
11. Veiga do Coura e encosta de Santo Antão
12. Capela de Nossa Senhora do Socorro
13. Igreja Paroquial de Venade
14. Vista para a veiga do rio Tinto
15. **Capela de Nossa Senhora das Barracas**
16. Vista para os vales e estuários dos rios Coura e Minho
17. **Capela da Senhora das Neves e Cruzeiro de Santo Isidoro**
18. **Vista panorâmica sobre os vales e estuários dos rios Coura e Minho**
19. Vista panorâmica para a Serra d'Arga
20. Cruzeiro Paroquial de Dem
21. Igreja Paroquial de Dem
22. Nicho da Rua da Igreja
23. Mosaico agrícola de Dem e vale do rio Âncora
24. Capela de Santa Luzia e Fonte do Loureiro
25. Moinho do Cubanco
26. Vista sobre Dem e o vale do Ribeiro do Real
27. Casa dos Castanheiros
28. Chã de Felgueiras
29. **Sobreiro monumental com feto-cabrinha**
30. **Fauna dos mosaicos**
31. Igreja Paroquial de Arga de São João
32. Alminhas de Santo Aginha
33. Fonte do Rio
34. Alminhas e Cruzeiro da Presa
35. Capela de Nossa Senhora da Conceição
36. Vista para o vale do Ribeiro de São João e Cabeço do Meio Dia
37. Knickpoint e veio boudinado de quartzo
38. Vista para o Penedo do Casamento
39. Escabiosa-dos-montes
40. **Escarpa granítica com megablocos**
41. **Vista para o vale do ribeiro e mosteiro de São João d'Arga**
42. Javali
43. Cruzeiro da Ladeira (ou dos Clamores)
44. Mosteiro de São João d'Arga
45. Cruzeiro de São João d'Arga (Mosteiro)

Início
Terreiro de Caminha
41°51'25.416"N 8°42'49.05"W

Fim
Mosteiro de São João d'Arga
41°50'18.272"N 8°43'57.5"W

Linear
Tipo de Percurso

19,4 km
Extensão

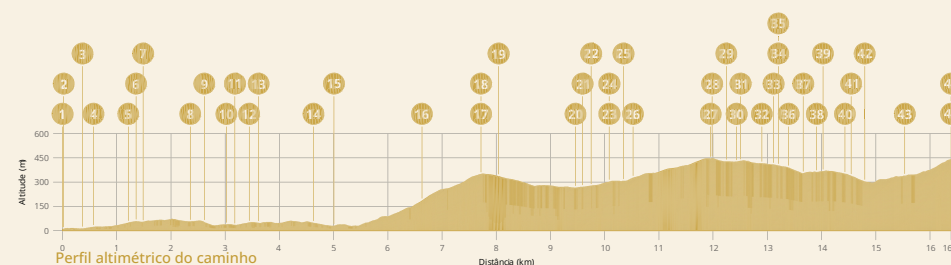
6h30
Duração média

9 m
Altitude inicial

Moderado/Difícil
Grau de dificuldade

442 m
Lugar de Felgueiras
9 m
Terreiro de Caminha

1.321 m
+875 m / - 446 m
Desnível acumulado



Romeiros de São João d'Arga.



Vertente poente da Serra d'Arga



Crista granítica com caos de blocos

DESCRIÇÃO DO CAMINHO

Com início no Terreiro de Caminha (Praça Conselheiro da Silva Torres), adornado ao centro por um esbelto chafariz renascentista e circundado por um conjunto de notáveis edifícios profanos e religiosos, o Caminho do Vale do Coura percorre, de seguida, a ampla rua da Corredoura ao longo de toda a sua extensão, até atingir o limite do núcleo urbano da vila, marcado pela linha de caminho de ferro do Minho.

De Vilarelho a Venade e Azevedo, o caminho atravessa um território de natureza plana ou pouco declivosa que, inicialmente, se desenvolve em torno da margem esquerda do vasto e verdejante estuário do rio Coura. Este, juntamente com o estuário do rio Minho, é um dos sítios integrantes da Rede Natura 2000, pela importância ecológica do conjunto de habitats húmidos que reúne e que abrigam uma grande diversidade de avifauna.

É um território preenchido por um complexo mosaico de paisagem, tipicamente minhoto, onde um denso, mas disperso, sistema de povoamento se entremeia com férteis campos agrícolas, por vezes armados em socalcos, onde se cultivam os cereais e os produtos hortícolas, onde

se conduzem as vinhas em ramadas e onde crescem as árvores de fruto. Completam este intrincado mosaico, protegido dos ventos atlânticos pelo Monte de Santo Antão, sinuosas galerias ripícolas ao longo das linhas de água, e frondosos e sazonalmente diversos bosques e bosquetes de vegetação nativa.

Abandonando as planuras do Coura, inicia-se a longa subida até à Capela da Senhora Neves, ou da Senhora da Serra, a partir da qual se avistam, em alargado e deslumbrante panorama, os estuários e vales do Coura e do Minho, a Galiza e o Atlântico. Da Senhora das Neves em diante, o caminho atravessa a freguesia de Dem, até ao seu encontro com o majestoso batólito granítico da Serra d'Arga.

Entre Dem e o Mosteiro de São d'Arga, percorre-se um território serrano, de transição entre rochas metamórficas e rochas plutónicas, de uma natureza mais rude e agreste e de grande diversidade paisagística, em muito acentuada pelas diferenças geológicas em presença. No lugar de Felgueiras, na freguesia de Arga de São João, o caminho atinge, a 442 metros de altitude, o seu ponto mais alto, prosseguindo até Santo

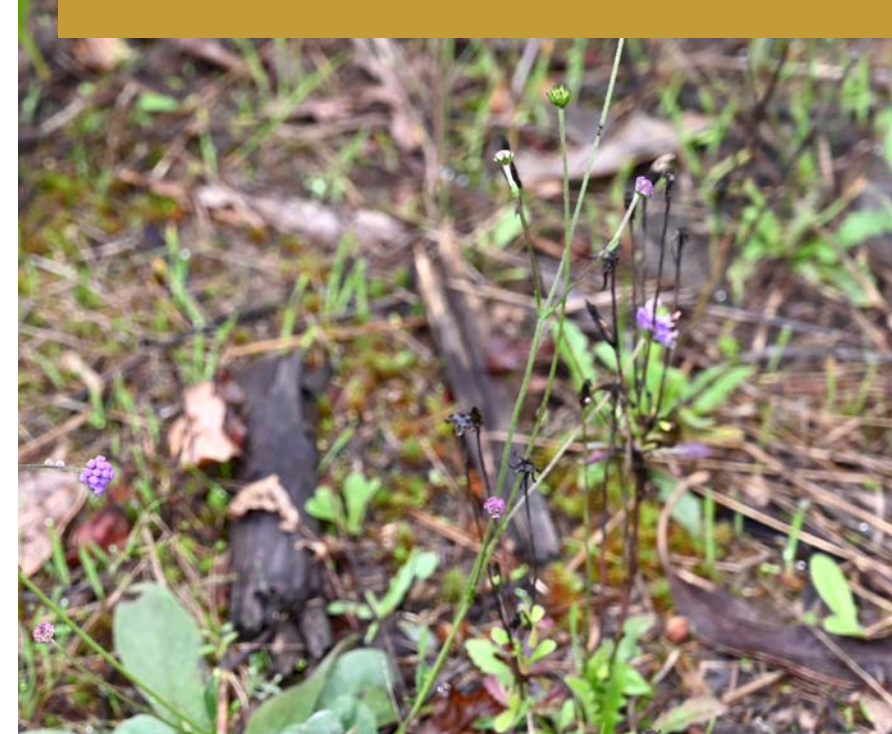


Capela de Nossa Senhora do Caminho. Venade

Aginha, o derradeiro núcleo rural antes da chegada ao mosteiro. Ao longo do caminho destacam-se os bosques de carvalho-alvarinho e de sobreiro, formados por árvores velhas de grande porte, onde crescem comunidades de fetos e musgos sobre os ramos de grande dimensão. Estas árvores servem de abrigo a diversas espécies de fauna de vertebrados, desde aves a morcegos. Nas orlas destes bosques aparecem pequenos bosquetes de loureiro e de azevinho. Na parte final, surgem os povoamentos florestais de pinheiros e de eucaliptos, sob os quais podem observar-se desde espécies raras a espécies exóticas invasoras, tais como a háquea-espinhosa (*Hakea decurrens subsp. physocarpa*).

Relativamente ao património construído, assinalam-se as igrejas paroquiais de Vilarelho, Venade, Dem e Arga de São João, bem como todas as capelas rurais que pontuam este caminho de peregrinação desde a vila de Caminha até ao Mosteiro de São João d'Arga: São Roque, São Sebastião, Nossa Senhora do Caminho, Nossa Senhora do Socorro, Nossa Senhora das Baracas, Senhora das Neves, Santa Luzia e Nossa Senhora da Conceição.

À saída de Dem, o caminho proporciona a passagem pelo Moinho do Cubanco, localizado junto a um tanque de regadio. No inverno, o



Escabiosa-dos-montes (*Succisa pinnatifida*), espécie endémica ameaçada

engenho do moinho funcionava com as águas do regato do Cubanco e, também, com as águas bravas da encosta da serra. O regato nasce em Furada de Barco e abastece também a presa com o mesmo nome, localizada a uma cota superior. A pontelha do Cubanco, situada a jusante, era utilizada pelos habitantes locais para o atravessamento pedonal sobre a linha de água. Os carros e os animais atravessavam pelo leito do regato.

Destaca-se, ainda, em Arga de São João, o Cruzeiro da Presa, assim designado por se situar nas proximidades de uma presa de água, apresentando uma forma curiosa de medir a água de rega na Serra d'Arga. Na base do cruzeiro existe uma ranhura voltada a sudoeste e, quando o sol batia na ranhura, fechava-se a poça. Por volta das 4 horas da tarde, abria-se novamente e, então, por meio de uma tabela de madeira, onde figurava a quota de cada um, alguém ia mandando virar a água nas tolas (derivações nos canais ou regos para a rega). A menos de 15 metros de distância, as Alminhas da Presa (ou do Cruzeiro) encerram, com um pequeno portão de ferro, um painel de madeira pintado com a imagem de Cristo crucificado ladeado por São Miguel e por Nossa Senhora da Piedade.

PONTOS EM DESTAQUE



Chafariz do Terreiro de Caminha



Vista para os estuários dos rios Coura e Minho



Capela de Nossa Senhora das Barracas. Azevedo

Chafariz do Terreiro de Caminha

Classificado como Monumento Nacional desde 2010, o Chafariz do Terreiro abastece a população da vila de Caminha desde o século XV, altura em que a construção de um fontanário se tornou necessária para evitar maiores deslocações da população.

Da autoria do mestre pedreiro vianense João Lopes, o Velho, o projeto do chafariz obedece a um programa estrutural desenvolvido anteriormente pelo autor em fontanários construídos no Porto e em Pontevedra, ou seja, um modelo piramidal constituído por um grande tanque assente numa escadaria, no centro do qual se situa um pilar que suporta as taças cimeiras. Separadas por uma coluna abalastrada mais pequena, a taça maior é decorada por seis mascarões e a segunda por quatro, servindo de canal para a saída da água. No centro da última taça assenta um pináculo que

mostra esculpido, entre figuras zoomórficas, o escudo da localidade.

Vista para o vale e o estuário do rio Coura

A sensivelmente 50 metros de altitude alcança-se um alargado panorama sobre o surpreendente estuário do rio Coura, facilmente se adivinhando o seu percurso até à sua confluência com o rio Minho, bem como o de alguns dos canais secundários, e respetivas galerias ripícolas, que meandram pelo vasto sapal estuarino.

Envolvendo esta rica e luminosa bacia de biodiversidade encontram-se os férteis campos agrícolas da veiga do Coura, que se estendem pelas suaves encostas circundantes, por vezes armados em socalcos.

Em torno deste mosaico de paisagem — e em muito contribuindo para sua beleza — encontram-se as altas paredes, de natureza graní-

tica e xistenta, que se erguem nas margens do Coura e do Minho. Na margem direita do Minho avistam-se os montes virados ao Atlântico, a Serra de aArgallo e o seu miradouro d'O Niño do Corvo e, já vale do Minho adentro, anunciando a Eurocidade Valença-Tui, os cumes do Monte Alóia, o primeiro parque natural da Galiza. Já do lado de cá, olhando a nascente, são a Serra de Góis e o Alto da Pena, com os cumes escarpados das serras da Gávea e da Salgosa espreitando entre os dois, que rematam este deslumbrante cenário.

Capela de Nossa Senhora das Barracas

A designação deste pequeno templo localizado em Azevedo é atribuída, por alguns autores, ao barrocal das montanhas e, por outros, à sua primeira edificação em estrutura de madeira.

A reconstrução da Capela de Nossa Senhora das Barracas (ou das Barrocas — designação atribuída pela população) foi autorizada em 1764 a Gonçalo Lourenço do Frade, ao seu filho Pedro Lourenço da Devesa e ao seu cunhado, o Padre Francisco Pires, tendo ficado concluída em 1786. Belo exemplar de capela rural em estilo barroco, a fachada principal ostenta uma porta retangular com o dintel levemente arqueado, sobrepujado por um frontão partido. A meio do frontispício rasga-se uma janela quadrilobada e o remate triangular ostenta uma cruz setecentista.

A capela é enquadrada, a sul, por um pequeno e frondoso bosque, parcialmente murado, de carvalho-alvarinho e pinheiro-bravo.



Caminha, o Monte de Santa Tecla e os estuários do Coura e do Minho



Cruzeiro de Santo Isidoro. Dem



Feto-cabrinha (*Davallia canariensis*)



Sobreiro (*Quercus suber*) monumental com feto-cabrinha (*Davallia canariensis*)

Vista panorâmica sobre os vales e estuários dos rios Coura e Minho

Em pleno recinto arborizado do Santuário da Senhora das Neves, a cerca de 350 metros de altitude, a vista abre-se quase completamente a poente — ao Atlântico — em soberbo panorama sobre os amplos, férteis e luminosos territórios que se desenvolvem nas margens dos estuários dos rios Coura e Minho.

Recortados contra as águas estuarinas e as atlânticas, destacam-se, a norte, o núcleo urbano da vila de Caminha, as suas pontes sobre o estuário do Coura e o icónico Monte de Santa Tecla, muitas vezes coberto por uma pitoresca pluma de nevoeiro.

A poente, o panorama preenche-se com a arborizada encosta do Monte de Santo Antão e a sua homónima capela, comandando as vistas sobre a foz do Minho, o Alto da Espiga e o seu parque eólico, o casario de Azevedo e os seus socacos cravados na encosta. A sul do Alto da Espiga, entre

o arredondado cume de Penizes e as encostas da Serra de Santa Luzia — anunciando o vale do rio Âncora, que corre entre ambos — vislumbram-se, ao longe, em pleno Atlântico, os três aerogeradores flutuantes do primeiro parque eólico português em mar alto, inaugurado em 2020.

Cruzeiro de Santo Isidoro

Em tempos não muito antigos, a Capela da Senhora das Neves, em Dem, era uma das estâncias do Clamor da Irmandade de Santo Isidoro (com sede na freguesia de Moledo, integrando paróquias dos concelhos de Caminha e Viana do Castelo).

Junto ao Cruzeiro de Santo Isidoro, localizado a cerca de 300 metros a sudeste da capela, reúnem-se as cruces das freguesias de Dem, Venede, Azevedo e Gondar, acompanhadas pelo pároco e pela população. Ao lado do cruzeiro existia uma mesa, com quatro bancos, destinados aos quatro abades das freguesias. Aqui, os delega-

dos de Dem prestavam contas à Irmandade e, só depois deste ritual, se organizava o Clamor até à capela, onde se celebrava a missa.

Erigido em 1684, o Cruzeiro de Santo Isidoro era originalmente constituído por um fuste prismático apoiado sobre dois cubos de granito sobrepostos, com uma esfera no cimo, na qual assentava um crucifixo com um Cristo de pedra de feição popular. Na base existia a inscrição “SANTO ISIDORO. 1684”.

Remodelado em 1922 — data ainda visível na base superior —, o cruzeiro foi novamente alvo de intervenção, esta bem mais recente, tendo o crucifixo antigo sido substituído por uma cruz latina simples.

Sobreiro monumental com feto-cabrinha

O aspeto mais singular deste local é a presença de um exemplar velho de sobreiro (*Quercus suber*), de grande porte e com comunidades epifíti-

cas muito desenvolvidas, dominadas por diversas espécies de musgos e alguns fetos, como o polipódio (*Polypodium cambricum*) e o feto-cabrinha (*Davallia canariensis*).

Estas árvores possuem um elevado valor ecológico porque apresentam características como cavidades ou ramos mortos que lhes permitem ter um papel fulcral na conservação da natureza, principalmente por serem um local de abrigo e alimentação para muitos animais e plantas.

O feto-cabrinha cresce em climas temperados desde Cabo Verde, ilhas Canárias e Madeira até Marrocos e oeste da Península Ibérica. Cresce em troncos e galhos de árvores, rochas com musgo, em locais frescos e húmidos sempre com influência oceânica, já que não resiste a temperaturas abaixo dos 5 °C. Na Serra d'Arga cresce nas zonas do sopé da serra, sempre sobre árvores velhas.



Estrelinha-de-cabeça-listada (*Regulus ignicapilla*)



Escarpa granítica com megablocos



Vista para o vale do Ribeiro de São João

Fauna dos mosaicos

Este local apresenta uma extraordinária riqueza de aves que exploram os mosaicos de habitat presentes nesta área.

As dezenas de espécies que facilmente se observam são maioritariamente de aves comuns, algumas delas muito abundantes neste local, como o chamariz (*Serinus serinus*), o pintassilgo (*Carduelis carduelis*), o chapim-carvoeiro (*Periparus ater*), o melro-preto (*Turdus merula*), o pombo-torcaz (*Columba palumbus*) e a toutinegra-de-barrete-preto (*Sylvia atricapilla*), entre muitas outras.

Neste ponto destaca-se uma das aves mais pequenas e coloridas que aqui ocorrem: a estrelinha-de-cabeça-listada (*Regulus ignicapilla*). É uma espécie relativamente comum nesta região, ainda que seja geralmente pouco conhecida. Apesar da sua plumagem vistosa (amarela-esverdeada no dorso, com cabeça listada com uma poupa erétil amare-

lada nas fêmeas e alaranjada nos machos), o seu tamanho diminuto (é uma das aves mais pequenas da Europa) e comportamento (os indivíduos surgem normalmente sozinhos ou em pares) tornam-na bastante discreta. Ainda assim, neste local é relativamente fácil de observar ao longo do ano, particularmente nas árvores mais ou menos isoladas que surgem ao longo da margem do ribeiro.

Escarpa granítica com megablocos

Ao longo dos maciços graníticos da Serra d'Arga são vários os exemplos de zonas escarpadas em vertentes e topos de encosta. Neste caso em concreto trata-se de um compacto aglomerado de megablocos, derivado de tor, que materializa uma imponente escarpa granítica em topo de encosta. A fraturação natural dos blocos rochosos, juntamente com os processos erosivos atmosféricos,

foram os agentes modeladores destas geofor-mas graníticas.

Vista para vale do ribeiro e mosteiro de São João d'Arga

A uma curta distância do Ribeiro de São João, o seu vale, neste ponto, quase que inesperadamente, revela-se ao caminhar em toda a sua magnificência e esplendor, pedregoso e verdejante.

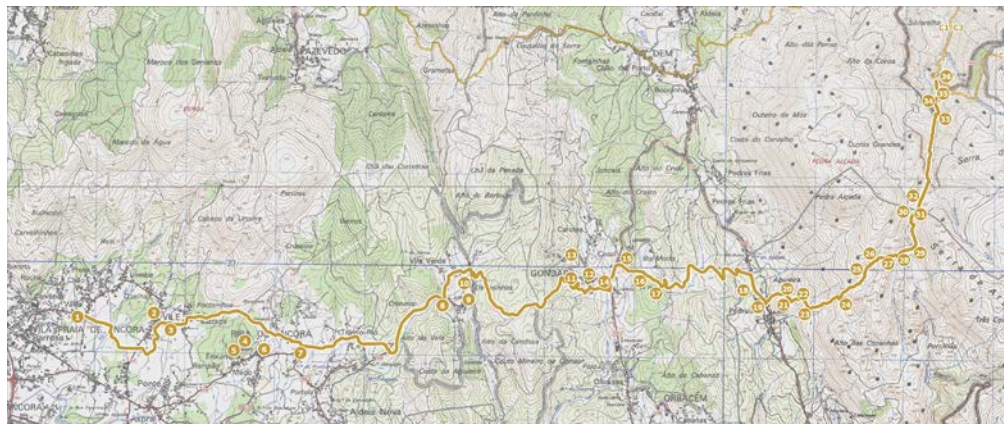
Desenvolve-se, sensivelmente, ao longo de uma orientação sul-norte e, na sua vertente virada a poente, identificam-se os altos do Colo e da Faia, pontos de referência para quem se dirige ao Mosteiro de São João d'Arga a partir de Arga de Cima. Do lado virado a nascente, avistam-se o icónico Alto da Coroa e, mais ao longe, a encosta dos Curros Grandes, já quase no topo do maciço da Pedra Alçada.

Ao centro, sobre um pequeno promontório formado pelos ribeiros de São João e da Corgui-nha, enquadrado por monumentais sobreiros, carvalhos, bétulas, pinheiros e cedros-brancos, avistam-se as velhas paredes do venerável mosteiro. A seus pés precipitam-se as irrequietas e cristalinas águas do ribeiro que, ao longo da sua descida pelo centro do vale, vão criando bonitas poças e cascatas.

A sul, no topo do vale e sobre o mosteiro, avistam-se as primeiras de uma sucessão de encostas e cumeadas que, serra acima, vão ao encontro das duas grandes chãs no seu topo: a de São João e a Grande, bem como ao Alto do Espinhheiro, o ponto mais alto da Serra d'Arga, a 825 metros de altitude.

CAMINHO DO VALE DO ÂNCORA

C4 – Caminho do Vale do Âncora Outros caminhos (C1, C2, C3)

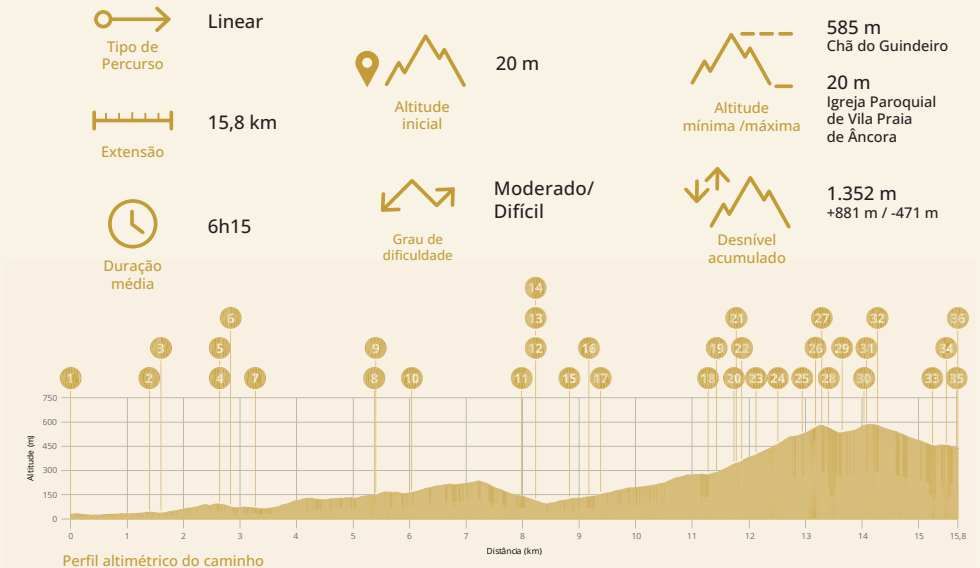


Pontos de interesse

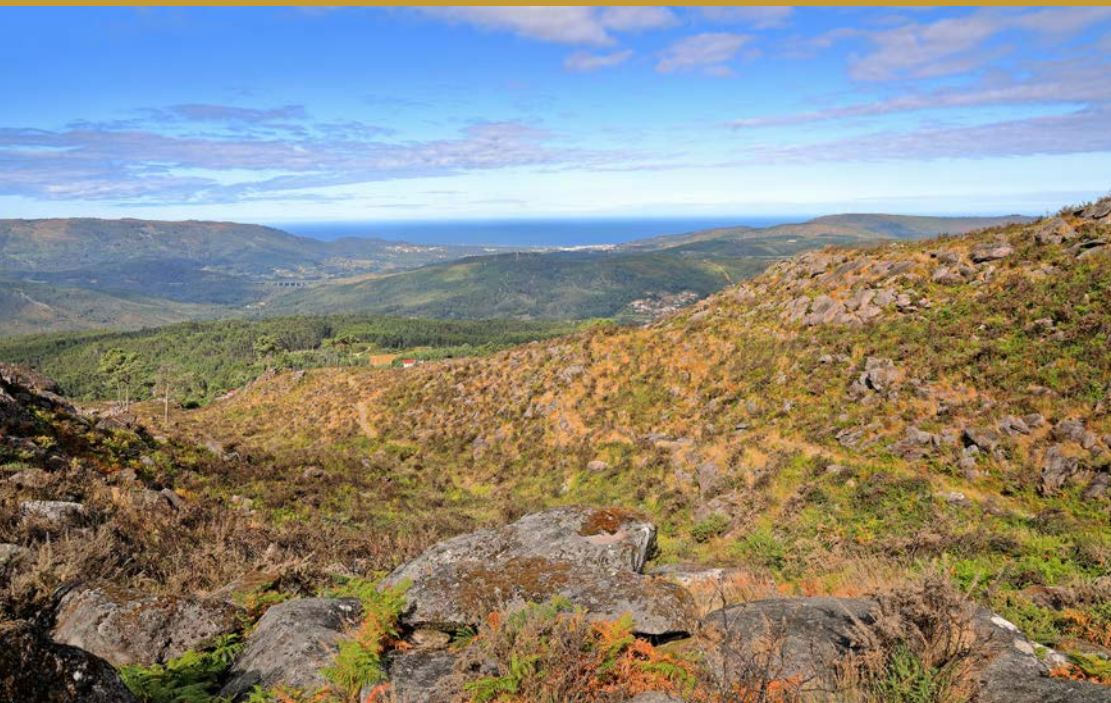
- | | |
|---|---|
| 1. Igreja Paroquial de Vila Praia de Âncora | 20. Espécies de matos |
| 2. Igreja Paroquial de Vile | 21. Pseudoestratificação do granito |
| 3. Veiga de Vile | 22. Maciço granítico da Pedra Alçada |
| 4. Capela de Santo Amaro | 23. Vista sobre o vale do rio Âncora |
| 5. Vista panorâmica sobre a bacia atlântica do rio Âncora | 24. Vista panorâmica sobre o vale do rio Âncora |
| 6. Capela do Espírito Santo | 25. Pequena chã no vale do rio Galego |
| 7. Igreja Paroquial de Riba de Âncora | 26. Vista sobre o vale do rio Galego |
| 8. Moinhos d'Apardal | 27. Cumeada da Pedra Alçada |
| 9. Capela de São Miguel | 28. Vista sobre o vale do Regueiro da Lapa do Ladrão |
| 10. Vista para a veiga de Vila Verde | 29. Caos de blocos e pia granítica |
| 11. Vista sobre o vale da Ribeira de Gondar | 30. Turfeira pioneira (tipos de habitat 3130, 4020, 6230, 6410, 7140 e 7150) |
| 12. Igreja Paroquial de Gondar | 31. Chã do Guindeiro |
| 13. Capela de Nossa Senhora da Agonia | 32. Vista para o vale do Ribeiro de São João |
| 14. Veiga de Gondar | 33. Ribeiro de São João e salamandra-lusitânica |
| 15. Alminhas e Cruzeiro de Gondar | 34. Feto-macho-do-minho |
| 16. Veiga de Boi Morto | 35. Cruzeiro de São João d'Arga (Mosteiro) |
| 17. Moinhos de Gondar | 36. Mosteiro de São João d'Arga |
| 18. Moinhos e Relógio de Sol de Pedrulhos | |
| 19. Capela de São Francisco | |

Início
Igreja Paroquial de Vila Praia de Âncora
41°48'50.951"N 8°50'47.666"W

Fim
Mosteiro de São João d'Arga
41°50'18.272"N 8°43'57.5"W



Romeiros a caminho do Mosteiro de São João d'Arga



Vista para o vale do rio Âncora e para o Atlântico



Felosa-do-mato (*Sylvia undata*)

DESCRIÇÃO DO CAMINHO

Com início no largo fronteiro à Igreja Paroquial de Vila Praia de Âncora, o Caminho do Vale do Âncora desenvolve-se, numa primeira parte, ao longo do vale do rio Âncora, passando, em seguida, pelas freguesias de Vile, Riba de Âncora, Gondar e Orbacém. Sobre a fértil veiga do Âncora observa-se um complexo mosaico de paisagem, tipicamente minhoto, caracterizado por um padrão de povoamento denso, mas disperso, complementado por campos agrícolas, frondosos bosquetes de vegetação nativa, serpenteantes galerias ripícolas, que acompanham as muitas linhas de água que retalham este território, e pequenas manchas florestais de pinheiro e eucalipto. Desde a Capela de Santo Amaro, localizada no topo de um pequeno promontório granítico, obtêm-se alargados panoramas sobre esta ampla e luminosa bacia, virada ao Atlântico e abraçada, a sul, pela Serra de Santa Luzia e, a norte, pelo Monte de Santo Antão.

No sopé do batólito granítico da Serra d'Arga, o caminho entra na freguesia de Dem, deixando para trás as planuras do Âncora. De Dem em diante, segue pela freguesia da Montaria, já em terras vianenses, ao longo da declivosa encosta poente da serra, atravessando um território de uma natureza muito distinta daquela encontrada até então: serrana, agreste, declivosa, pedregosa, imponente, inspiradora e de grande beleza. Ao longo da encosta, são muitos os pontos de miradouro a partir dos quais se alcançam vastos, e belos, panoramas sobre o vale do Âncora, sempre encabeçado pelas águas do Atlântico. Ultrapassada a linha de cumeada da Pedra Alçada, e seguindo pelo apertado vale do Regueiro da Lapa do Ladrão, atinge-se o ponto mais alto do caminho — a Chã do Guindeiro — miradouro privilegiado para as terras do vale do rio Lima e ponto de paragem obrigatório para os romeiros de São João d'Arga.



Caos de blocos e evidência de esfoliação granítica

Nas encostas desprovidas de vegetação arbórea que abraçam a chã e o vale, destacam-se os grandes blocos graníticos, que emergem de um “mar” de matos secos, uma constante nesta paisagem serrana onde, com frequência, apascentam tranquilas manadas de garranos. Para além destes matos secos, na serra ocorrem também matos húmidos, em zonas onde o lençol freático se encontra mais à superfície. Nas zonas mais húmidas podem ser mesmo observadas algumas turfeiras pioneiras, tal como a que nesta chã se pode observar, perto da nascente do Regueiro da Lapa do Ladrão.

A partir deste ponto, e de novo em território de Caminha, o caminho prossegue, em sentido descendente, ao longo das despidas encostas, e, já muito perto do Mosteiro de São João d’Arga, encontra e atravessa a frondosa galeria ripícola do Ribeiro de São João. Constituída por árvores de espécies nativas típicas de ambientes ribeirinhos, ao contrário do que se verifica quer a montante quer a jusante deste ponto, esta bela, extensa e surpreendente mancha arbórea alberga uma fauna variada, na qual se destacam alguns anfíbios endémicos, tais como a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*).



Cruzeiro de Nossa Senhora da Agonia. Gondar

Ao longo do caminho, e no que ao património construído diz respeito, destacam-se as igrejas paroquiais dos diversos lugares — Vila Praia de Âncora, Vile, Riba de Âncora e Gondar —, bem como as capelas rurais tipicamente minhotas que pontuam o caminho dos romeiros provenientes de Vila Praia de Âncora — Santo Amaro, Espírito Santo e São Miguel, as três localizadas em Riba de Âncora, Nossa Senhora da Agonia, em Gondar, e São Francisco, em Dem.

O caminho permite, ainda, observar vários conjuntos de moinhos com interesse e valor patrimonial, nomeadamente os recuperados Moinhos d’Apardal em Riba de Âncora, os Moinhos de Gondar e os Moinhos de Pedrulhos, em Orbacém. Em comum, todas estas estruturas molineiras edificadas nos finais do século XVIII ou inícios do século XIX possuem edificações rústicas em alvenaria de xisto com lintéis de granito. Nestes moinhos de reduzida dimensão, a planta é retangular regular e a mó única, com uma roda horizontal de penas de madeira, sendo a condução e regulação do caudal de água executadas através de levadas.

PONTOS EM DESTAQUE



Moinho d'Apardal. Riba de Âncora



Moinho d'Apardal. Riba de Âncora

Moinhos d'Apardal

Os recuperados Moinhos d'Apardal em Riba de Âncora foram muito provavelmente edificados nos finais do século XVIII. De planta retangular, mó única e roda horizontal de penas de madeira, estas pequenas construções em alvenaria de xisto possuem lintéis de granito e coberturas inclinadas, de uma água, com revestimento em telha. Neste conjunto molinheiro, a regulação do caudal da água é feita através de levadas que conduzem a água aos moinhos.

Vista sobre o vale da Ribeira de Gondar

A partir da encosta que desce do Alto da Candosa, e a sensivelmente 140 metros de altitude, alcança-se um dos mais arrebatadores e pitorescos panoramas que este caminho tem para oferecer. Daqui se observam o deslumbrante vale da Ribeira de Gondar e a grande veiga que acolhe no seu seio, a maior dentre todas as veigas de caracterís-

ticas serranas encontradas ao longo do percurso. Na encosta que se eleva da margem esquerda da ribeira, observa-se um bonito conjunto de socos, ocupados por parcelas agrícolas e pelos quais se dispersa o casario do lugar de Casal. Uma frondosa orla de arvoredos autóctones, seguida por uma grande mancha de povoamentos florestais mistos de pinheiro-bravo e eucalipto servem-lhe de enquadramento, subindo a xistenta encosta até quase ao sopé do granítico, pedregoso e quase desprovido de vegetação batólito da Serra d'Arga. Deste ponto avista-se grande parte da sua grandiosa vertente orientada a poente, desde o maciço da Pedra Alçada, o ponto mais alto de Caminha, culminando a uma altitude máxima de 742 metros, até ao Alto do Corisco e, por pouco, o Outeiro do Homem, entre os quais se situa a Chã Grande, a maior de todas as chãs que se encontram pela serra.



Vale da Ribeira de Gondar

Alminhas e Cruzeiro de Gondar

Construído em granito, o Cruzeiro de Gondar é composto por uma cruz simples assente em capitel sobre fuste cilíndrico, incrustado numa pequena base paralelepípedica.

Por sua vez, as alminhas correspondem a uma construção composta por um bloco de granito paralelepípedico com caixa de esmolas com portinhola em ferro, sobre o qual assenta o nicho, com remate em cornija encimada por grade de ferro. O retábulo é em pedra, com crucifixo, de feição popular, em baixo-relevo e ladeado por duas colunas.



Alminhas e Cruzeiro de Gondar



Relógio de Sol de Pedrulhos. Orbacém



Pseudoestratificação do granito



Vista para o vale do Ribeiro de São João

Relógio de Sol de Pedrulhos

Localizado junto a uma presa de água nas proximidades de um conjunto molineiro em Pedrulhos, no lugar de Orbacém, este relógio de sol regulava, em tempos, a condução da água nas levadas até aos moinhos, constituindo uma forma interessante de medição do tempo e orientação das horas para a abertura ou o fecho da poça.

Na prática, o relógio de sol não passa de uma singela peça paralelepípedica em granito, assente sobre um pequeno degrau.

Pseudoestratificação do granito

A pseudoestratificação é um fenómeno geomorfológico muito comum em topos de encosta e planaltos da Serra d'Arga. No essencial, trata-se de uma "falsa" ideia de estratificação resultante da combinação de processos geodinâmicos como

a existência de planos preferenciais de fraturação e descompressão litostática provocada pela progressiva erosão de material sobrejacente.

Nos afloramentos observados, as fendas horizontais de pseudoestratificação são atravessadas por fraturas verticais e diagonais que lhe são posteriores. Estas últimas fendas terão sido originadas pela fase de deformação crustal alpina.

Vista sobre o vale do Regueiro da Lapa do Ladrão

A cerca de 20 metros abaixo da linha de cumeeada, e já em pleno vale do Regueiro da Lapa do Ladrão, avista-se um dos mais deslumbrantes e, talvez até, inesperados panoramas que a Serra d'Arga tem para oferecer.

Abrindo-se, fundamentalmente, a nascente e a sul, daqui se avista a vertente poente do vale, íngreme

e altamente pedregosa, coberta por matos rasteiros e praticamente desprovida de vegetação arbórea, pontuada apenas, aqui e ali, por estoicos pinheiros-bravos. Reconhece-se, mais para sul, a mais verde Encosta do Curral, elevando-se sobre a Montaria e culminando no Alto do Corisco, a 763 metros de altitude, digno guardião das planuras da Chã Grande.

É no seu sopé que, verdadeiramente, "nasce" o rio Âncora, pois é aí que se fundem as águas dos três regueiros que estão na sua origem. No lado nascente do vale, o Alto das Cocanhas e o Outeiro das Cabras orientam o olhar até aos inconfundíveis perfis da Serra de Perre e, logo abaixo, do Alto de São Silvestre, tal e qual uma grande onda granítica lançando-se sobre as extensas planuras do vale do Lima que se espraia a seus sopés.

O olhar repousa, por fim, nos pontos altos das serranias que se elevam já na margem esquerda do Lima.

Turfeira pioneira (tipos de habitat 3130, 4020, 6230, 6410, 7140 e 7150)

Neste ponto é possível ver uma turfeira pioneira que marca o nascimento de uma pequena linha de água. Esta pequena turfeira situa-se numa portela, o termo popular que designa o ponto mais baixo de um divisor de águas e o ponto mais alto do vale formado pela linha de água correspondente. Nesta portela, observa-se, assim, não só o nascimento de uma linha de água, mas também a sua divisão noutras duas, drenando uma para a bacia do rio Âncora e a outra para a bacia do rio Coura.

Não é invulgar as linhas de água terem como nascente pequenas turfeiras. A formação das turfeiras de montanha inicia-se com uma diminuição da circulação de água livre e pelo crescimento de esfagno, um musgo que retém uma grande quantidade de água e que a liberta de forma lenta, ao longo do tempo.



Turfeira pioneira



Chã do Guindeiro



Salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*)

Neste local é possível observar vários tipos de habitat típicos de turfeiras pioneiras, tais como os charcos de águas pobres em nutrientes (habitat 3130), os matos higrófilos (habitat 4020), os cervunais (habitat 6230), os juncais (habitat 6410) e as turfeiras pioneiras (habitat 7150).

A genciana-das-turfeiras (*Gentiana pneumonanthe*), é uma das plantas que cresce nestes ambientes, sendo muito importante para o ciclo de vida de uma borboleta. As fêmeas adultas da rara borboleta-azul (*Phengaris alcon*) colocam os ovos nas flores de genciana, a sua única planta hospedeira.

Chã do Guindeiro

A 584 metros de altitude, junto à linha de fronteira imaginária que separa o território de Viana do Cas-

telo e o de Caminha, atinge-se o ponto mais alto deste caminho, no cimo do vale do Regueiro da Lapa do Ladrão, rematado por um pequeno grupo de bonitos e resilientes pinheiros-silvestres.

Aí, alcança-se a espaçosa planura serrana da Chã do Guindeiro, de onde brotam as águas do regueiro, abraçada a poente pela pedregosa encosta da Pedra Alçada e, a nascente, pelas que entre ela e o vale do Regueiro da Fiska se elevam.

Neste magnífico miradouro natural sobre o vale do rio Lima, que ao fundo se avista, enquadrado, a nascente e a poente pelas alcantiladas e bravias encostas do vale, encontravam-se os muitos grupos de romeiros que, partindo dos vales do Âncora e do Lima, venciam as declivosas encostas da serra a caminho do Mosteiro de São João d'Arga, no dia da sua romaria. Aqui paravam para descansar, comer, beber e até cantar e dan-

çar, aos ritmos e sons dos mais variados instrumentos musicais, havendo ainda forças para tal após longas horas de caminhada.

Ribeiro de São João e salamandra-lusitânica

A salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*) é, do ponto de vista conservacionista, uma das espécies mais importantes da fauna nacional. É um endemismo do noroeste da Península Ibérica e a sua área de distribuição em Portugal corresponde a cerca de 50% da sua distribuição global. Está classificada como "Vulnerável" em Portugal e protegida a nível europeu pela diretiva comunitária Habitats.

É um anfíbio estritamente dependente de ambientes extremamente húmidos, que surge

geralmente associado a pequenos ribeiros de águas límpidas com vegetação abundante. Apesar de ser muito difícil de observar (durante o dia os indivíduos adultos permanecem, geralmente, escondidos debaixo de pedras ou na vegetação próxima das margens), é relativamente abundante no Ribeiro de São João. Os adultos, que podem atingir cerca de 16 cm incluindo a cauda (que representa cerca de dois terços do comprimento total), distinguem-se facilmente pela sua coloração dorsal negra com duas faixas longitudinais, bem marcadas, douradas ou cor de cobre, que se unem numa única lista ao longo da cauda.

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Caminha
Presidente: Rui Lages

CONTEÚDOS

TERRITÓRIO XXI - Gestão Integrada do
Território e do Ambiente, Lda.
FLORADATA - Biodiversidade, Ambiente
e Recursos Naturais, Lda.

COORDENAÇÃO GERAL

Vilma Silva
Paulo Alves

COORDENAÇÃO EDITORIAL

João Almeida
Vera Santos Silva

TEXTOS

Arqueologia (Mosteiro): Município de Caminha
Fauna: Duarte Mendes
Flora: Paulo Alves
Geologia: Eduardo Gonçalves
Paisagem: João Almeida
Património: Vera Santos Silva

CONCEÇÃO GRÁFICA

GSA Design

AGRADECIMENTOS

O Município de Caminha agradece a todos os que
se disponibilizaram para colaborar neste projeto

Dezembro de 2023

©Todos os direitos reservados

A reprodução total ou parcial, sob qualquer
forma, do conteúdo desta publicação carece
de aprovação prévia e expressa dos respetivos
autores e da Câmara Municipal de Caminha



Financiado por



Elaborado por



